

Decisão abala credibilidade mundial do País

Dirigentes do FMI e dos EUA irritaram-se por não terem sido consultados sobre alteração

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON – A equipe econômica decepcionou seus amigos e perdeu credibilidade em Washington não apenas por causa da decisão inesperada de acelerar a desvalorização do real, depois de jurar que não o faria, mas pela maneira com a qual agiu, sem consultar seus interlocutores no Departamento do Tesouro e no Fundo Monetário Internacional (FMI).

“Várias pessoas puseram sua credibilidade pessoal e a das instituições que representam em jogo quando apoiaram o acordo entre o Brasil e o FMI com um crédito de US\$ 41,5 bilhões e, obviamente, esperavam ser consultadas antes de uma mudança da política que justificou seu ‘apoio’, disse uma fonte bem informada.

Defendido principalmente pelo governo americano e pela administração do FMI, mas criticado pelos governos europeus como uma imposição de Washington, o acordo do Brasil com o FMI foi vendido como o projeto-piloto da nova arquitetura do sistema financeiro internacional – um esquema preventivo contra o contágio das crises financeiras globais, diferente das fracassadas operações de socorro feitas em 1997 na Ásia.

Ao agir de maneira atabalhoadas, sem consultar seus parceiros e sem ter um plano claro para lidar com as consequências da decisão, Brasília introduziu um novo elemento de instabilidade nos mercados financeiros que pôs a economia do País mais próxima de um colapso e deixou o Tesouro e o FMI ex-

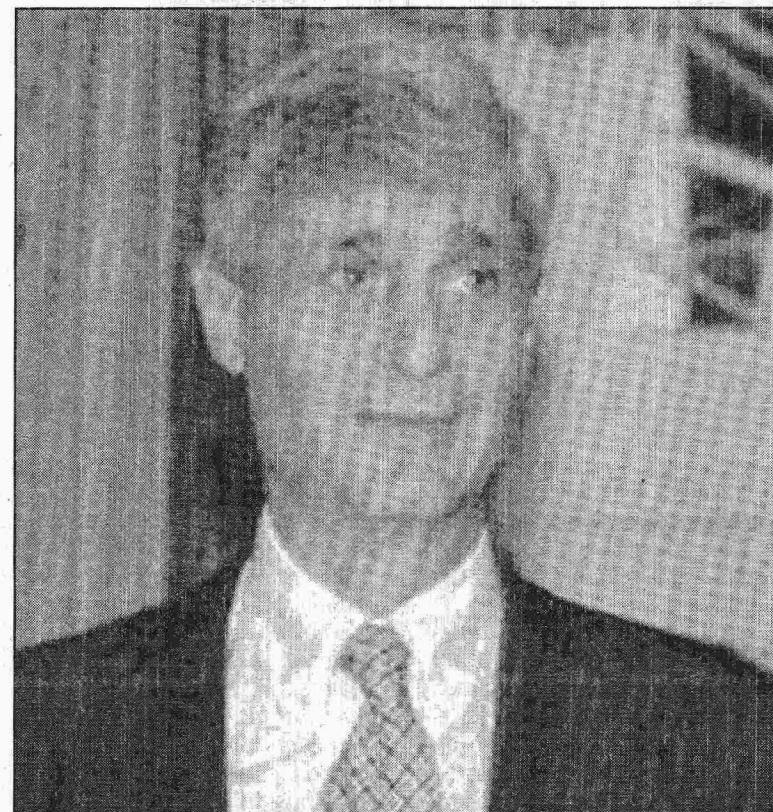
postos a novo bombardeio de críticas. As turbulências que a desvalorização do real continuou a provocar ontem no mundo reforçaram o consenso de que mudança na política cambial – um ponto no qual o FMI e o Tesouro insistiram em novembro, nas discussões com as autoridades econômicas brasileiras, foi mal calculada, mal executada e não satisfez ao mercado.

Um alto funcionário brasileiro confirmou ao **Estado** o forte sentimento negativo nos meios oficiais em Washington. Esse sentimento manifestou-se, de forma atenuada, nas secas declarações públicas do presidente Bill Clinton, do secretário do Tesouro, Robert Rubin, e do diretor-gerente do FMI, Michel Candessus, na quarta-feira. Indicando que a palavra do governo brasileiro ficou desvalorizada, como o real, os três insistiram na importância de o País levar a cabo, prontamente, o ajuste fiscal.

Candessus deixou claro o que o Executivo e o Congresso terão de fazer para que o Brasil tenha acesso a quase US\$ 32 bilhões do crédito internacional à disposição do País, dos quais passou a depender ainda mais: pôr em prática o ajuste fiscal anunciado em novembro de 98, “no prazo mais curto possível”.

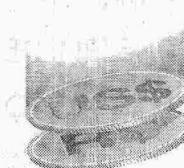
“É difícil subestimar a raiva que há aqui sobre como os brasileiros perderam tempo quando precisavam lidar com seus problemas”, disse ao *New York Times* um dos principais assessores econômicos de Clinton.

O economista Rudiger Dornbusch, do Massachusetts Institute of Technology (MIT), crítico ácido da política cambial brasileira, que recentemente previu o colapso do real até o carnaval, disse, em entrevista à TV a cabo da NBC, que “o presidente Fernando Henrique Cardoso é incompetente ... e o ministro Pedro Malan, um decorador de interiores”.



Reuters/AE

Robert Rubin: palavra do governo brasileiro foi desvalorizada com o real



DORNBUSH
CHAMA
FHC E MALAN DE
INCOMPETENTES

New York Times um dos principais assessores econômicos de Clinton.

O economista Rudiger Dornbusch, do Massachusetts Institute of Technology (MIT), crítico ácido da política cambial brasileira, que recentemente previu o colapso do real até o carnaval, disse, em entrevista à TV a cabo da NBC, que “o presidente Fernando Henrique Cardoso é incompetente ... e o ministro Pedro Malan, um decorador de interiores”.